

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***JOSÉ DE SEGADAS VIANA***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória da assistência médica da Previdência Social no Brasil

Entrevistado – José de Segadas Vianna (SV)

Entrevistadores – Nilson Moraes (NM), Marcos Chor Maio (MC)

Data - 15/01/1987

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 1h52min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

VIANNA, José de Segadas. *José de Segadas Vianna. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória da assistência médica da Previdência Social no Brasil*, 1987. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 39p.

Data: 15/01/1987

### Fita 1 – Lado A

MC - Bem, nós estamos aqui na casa do dr. Segadas Vianna, hoje é 15 de janeiro de 1987, são exatamente 18 horas. É mais uma entrevista do Projeto Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, INAMPS. Com a presença dos pesquisadores Nilson Morais, Marcos Chor Maio e a estagiária Ana Luce. Dr. Segadas Vianna, a entrada do senhor para o Ministério do Trabalho se dá em 1940?

SV - 1940, em dezembro de 1940.

MC - 1940.

SV - Quando foi criada a Justiça do Trabalho, eu fui nomeado Procurador da Justiça do Trabalho no campo da Previdência Social.

MC - Como é que se dá a entrada do senhor dentro do Ministério do Trabalho?

SV - Nomeado Ministro do Trabalho antes de ser Ministro, ou na entrada no Ministério do Trabalho?

MC - É, a entrada do senhor no Ministério do Trabalho.

SV - Minha entrada no Ministério do Trabalho foi que... eu fui convidado pelo Ministro Marcondes Filho para ser assistente dele: Arnaldo Sussekind, Durval Lacerda, Oscar Saraiva e eu. E naquela ocasião era diretor do Departamento Nacional do Trabalho o Luiz Augusto Rego Monteiro, sujeito de extraordinário valor, mas com tendências muito corporativas. E ele foi designado pelo Marcondes para estudar na Argentina um trabalho que era feito lá pelo GOU – Grupo dos Oficiais Unidos. Rego Monteiro vive lá entusiasmado com Peron, e quando chegou aqui falou tanto sobre o Peron, e pediu ao Marcondes que dentro de 15 dias ele faria um relatório. Então, o Marcondes disse: “Não, 15 dias é pouco, o senhor vai fazer esse relatório em três meses”. Então, me chamou e disse: “Você vai ocupar o lugar do Rego Monteiro no Departamento Nacional de Trabalho”. E foi assim que eu assumi o Departamento Nacional de Trabalho, primeiro como diretor da Divisão de Organização e Assistência Sindical, e interinamente como Diretor do Departamento Nacional do Trabalho.

MC - Mas o senhor antes de entrar na direção do Departamento Nacional do Trabalho, o senhor entrou na gestão Valdemar Falcão?

SV - Como procurador do Estado, quando foi criada a Justiça do Trabalho, 1940.

MC - [19]40?

SV - Dezembro de 1940. Foi criada a Justiça do Trabalho e Conselho Nacional do Trabalho, e criado, vamos dizer, seis lugares de procuradores. Até foi muito curioso que quando levaram ao presidente a relação dos 16, que iam ser nomeados, ele disse: “Tira este aqui, porque este

aqui é muito rico não precisa de lugar. E eu tenho uma promessa muito antiga feita ao Segadas, que quando se criasse a Justiça do Trabalho, ou quando se organizasse o Instituto Nacional, o IAPI, ele queria um lugar lá”. Então, o Getúlio mandou me incluir na lista, e tinha sido incluído até um que não podia ser nomeado, que era o Marcelo Dias Pequeno, que não era bacharel.

MC - O Marcelo Dias Pequeno era...

SV - Ele era para ser nomeado Procurador da Justiça do Trabalho, mas não pôde porque ele não era Bacharel.

MC - Ah! Sim. É...

SV - Então, a Comissão foi dividida na Justiça do Trabalho em dois setores: setor de trabalho, setor de previdência. O setor de Previdência o procurador geral era o Alvin, o que está é o Dr. Alvin, e eu fui para a Previdência Social.

MC - Foi para Previdência Social. Qual era o trabalho, nesse período que o senhor está, como Procurador da Justiça do Trabalho, qual era o trabalho, que era feito pelo procurador na área de Previdência Social?

SV - Porque todos os processos de aposentadoria e de pensões tinham um recurso para o Ministro do Trabalho. E o Ministro do Trabalho quando havia matéria jurídica, mandava ouvir a Procuradoria Geral, e eu funcionava na parte da Previdência como procurador substituto nas Seções do Conselho Nacional do Trabalho.

MC - Sim. É mais ou menos nesse período que o senhor entra no Ministério do Trabalho, os institutos já estão todos constituídos?

SV - O IAPI foi constituído naquela ocasião.

MC - Foi.

SV - Mas os outros já estavam todos constituídos. Era aquela parafernália: Bancários, Marítimos, Transporte de Carga, Industriários e Comerciais.

MC - O senhor utilizou muito a Constituição do IAPI. Como é que ela se deu, essa Constituição?

SV - Que quando o Presidente resolveu criar o IAPI, ele convidou para coordenar o João Carlos Vital, que era um sujeito fabuloso, com uma larga experiência, e de uma absoluta independência. O Vital começou a organizar o IAPI, houve até um incidente muito curioso. Quando ele levou ao Presidente os dados sobre nomeação do IAPI. O Dr. Getúlio disse: “Oh, Vital, o senhor nomeou para ser o seu chefe de Gabinete o filho do meu maior adversário político”. Ele disse: “Não senhor, eu nomeei o colocado em primeiro lugar. Hélio Beltrão”. Porque o Heitor Beltrão era adversário ferrenho de Getúlio. Então, o Hélio Beltrão foi para lá. E o Vital foi um grande presidente do IAPI, como foi do IRB<sup>1\*</sup>, Vital era um organizador.

---

<sup>1\*</sup> Instituto de Resseguros do Brasil.

MC - Quando o senhor falar assim, quer dizer, tem total independência o João Carlos Vital, não sei se era uma época, por que essa condição do Vital de ter tanta independência?

SV - Porque o Getúlio tinha uma extraordinária confiança na capacidade do Vital. Sabia que o Vital era um homem digno, muito competente, e era um homem que trabalhava com equipe. O Vital nunca se preocupou em dominar, ele ouvia sempre os companheiros. Isso veio já como prefeito e tudo.

MC - Então, a entrada do senhor no Ministério do Trabalho se dá, em última instância, por uma indicação do presidente Getúlio Vargas?

SV - Direto do Presidente Getúlio Vargas. É como eu lhe contei, indicado 16, ele disse: “Eu tenho uma promessa antiga”. E realmente lá pelos idos de 1937 eu era redator do Diários Associados, e naquela ocasião eu conversando com o Dr. Getúlio, ele me perguntou: “O que você faz?”. Eu disse: “Advogo”. E ele disse: “Qual é a sua função pública?” Eu disse: “Não tenho”. Disse: “Mas, como?! É preciso ter um emprego público”. “Quem pode dar é o senhor.” Ele disse: “Depois nós falamos sobre isso”. Mas passaram-se os tempos, e quando o Dr. Getúlio estava fazendo uma estação de águas em Poços de Caldas, se eu não me engano, eu resolvi um dia, estávamos reunidos vários jornalistas de nome, e ele perguntou: “O que vocês acham da *Hora do Brasil*?” Todo mundo elogiou, Salles Filho, todo mundo, e eu era o mais moço, fiquei calado. Ele perguntou: “E tu, o que achas?” Eu digo: “Presidente, no Rio de Janeiro se chama... fala sozinho, na hora que começa o programa todo mundo desliga, todo mundo co...” Que acha do Costa Rego, chocado com aquilo o Getúlio depois disse: “Vamos dar uma volta”. Então, começamos andando no parque, aí eu disse: “O Presidente, eu acho que é oportuno eu lhe lembrar um ofício que eu fiz ao senhor. Era uma carta. Ele disse: “O que foi?” Eu disse: “Quando o senhor falou, que eu precisava ter um emprego público, eu disse que gostaria ter ou na Justiça do Trabalho ou na criação de um Instituto dos Industriários”. Ele disse assim, o Getúlio: “Eu gosto muito daqueles que sabem esperar”. Eu fiquei meio irritado, não sabe? Eu estava esperando há três anos! Eu disse para ele: “Eu vou lhe mostrar que eu sei esperar”. E nunca mais falei nisso. Quando foi então a relação dos indicados para procurador, que o Waldemar Falcão levou, e que o Presidente disse: “Tira este aqui, e põe o Segadas Vianna”. O que saiu naquela ocasião foi o Tostes de Malta, grande amigo meu, que era realmente muito rico.

MC - Muito rico. Dr. Segadas Vianna o senhor falou, o senhor pediu ao Presidente ou para ir para o Ministério do Trabalho, quer dizer, ou para ir para a Procuradoria da...

SV - Para Justiça do Trabalho.

MC - Para Justiça do Trabalho, ou para o IAPI.

SV - Porque havia o projeto de criação do IAPI naquela ocasião. O IAPI é, se eu não me engano, é de 1942, não?

MC - O IAPI foi criado em [19]36, e começou a funcionar em [19]38.

SV - [19]38. Então, naquela ocasião que eu falei com o Getúlio deveria ser [19]37, mais ou menos, é que se falava nisso.

MC - Mas quer dizer, a idéia de ir para o IAPI foi, quer dizer, só porque era um instituto que estava sendo criado, ou porque tinha alguma coisa a mais?

SV - Não. Porque eu sempre gostei da Previdência. Eu sempre tive a preocupação que a Previdência no Brasil é uma burla. Aqui se fala em segurança e não se fala de levar em seguridade social, que é muito mais amplo, não é só aposentadoria e pensão. A seguridade social é dar ao indivíduo a tranqüilidade do lar, de educação dos seus filhos, da família, tudo isso. De modo que eu sempre gostei da Seguridade Social, mais do que de Previdência Social. Mas o caminho era Previdência Social, que não se falava ainda em Seguridade.

MC - E por que razão o senhor tinha essa preocupação, essa identificação com a questão da Previdência Social?

SV - Por uma razão muito pessoal: eu comecei a minha vida, filho de família burguesa, mas meu pai tinha nove filhos, e era um problema para educar os filhos. Eu comecei a trabalhar logo aos 17 anos, eu creio que contei isso até no CPDOC, eu comecei a trabalhar, arranjei emprego numa empresa de ônibus, e que o dr. João Carlos Vital era o superintendente. Recém-formado, o Vital morreu... eu tenho 80, Vital vivo devia ter seus 86 mais ou menos. Mas o Vital era mais velho que eu uns cinco anos ou seis anos. E criaram, havia essa empresa, e eu fui trabalhar nessa empresa por indicação do Laudelino Freire, que era o dono da empresa. Eu o conhecia porque tinha trabalhado na Academia de Letras, na Comissão do Dicionário, e tal. E fui para lá, e comecei a sentir a angústia do trabalhador. Nós, nos fins de semana, no sábado, a Previdência não funcionava na sua plenitude ainda, a Lei de acidente de trabalho era falha, e muitas vezes eu vi lá meus companheiros de trabalho botarem o chapéu em cima da mesa, e na hora da saída cada um punha, ou fingia que punha algum dinheiro dentro para atender a um acidentado. Aquilo me angustiava muito. Então, comecei a sentir que era preciso fazer alguma coisa pelos trabalhadores. Sempre fui admirador do Getúlio pela obra social dele, sempre reconheci que ele tinha falhas, falhas de formação, porque ele era um caudilho, era homem de fronteira, mas tinha um espírito social extraordinário. E ele demonstrou isso em muitas oportunidades. Certa vez, por exemplo, ele mandou uma carta que ele recebeu de um trabalhador se queixando que era chaveiro da Leopoldina, num acidente perdeu a perna, e não havia um acidente de trabalho que realmente amparasse bem. O Getúlio mandou a carta ao Ministério, e eu mandei para o Dr. ... para o Linche, diretor da Leopoldina; ele mandou dizer que ele era inválido, não tinha emprego para ele. Então, encaminhei a resposta ao Dr. Getúlio. Ele disse: "Não é possível como uma empresa muito rica não possa dar lugar para o operário que perdeu sua perna trabalhando para ela". E arranjamos um lugar para ele. De modo que aquilo tudo me preocupava muito. De modo que quando criada a Procuradoria, eu optei diretamente pela Previdência Social, por essas razões. Não obstante a minha paixão ser direito coletivo de trabalho.

MC - Sim. Quando o senhor, antes de... esse exemplo que o senhor está dando, desse chaveiro da Leopoldina, o senhor poderia situar assim, em época isso...

SV - Foi logo depois da criação, 1946, 47.

MC - Por aí?

SV - É, por aí. Eu estava no Departamento Nacional do Trabalho.

MC - É, o senhor disse...

SV - E digo mais: naquela ocasião, em 1942, o Marcondes Filho ocupou a pasta do trabalho. E ele conhecia o Arnaldo Sussekind, que era Procurador da Justiça do Trabalho Adjunto, que estava funcionando em São Paulo. E o Marcondes tinha uma visão muito grande dos homens, sentia que o Arnaldo era um sujeito formidável. Então, convidou o Arnaldo para vir para o Gabinete. O Arnaldo chegando aqui, que me conhecia, sugeriu ao Marcondes que se fizesse uma consolidação das leis do trabalho. O Marcondes criou uma comissão muito grande, e do dia da reunião da comissão, ele ministro, falava muito bem, convencia todo mundo, expôs os pontos de vista dele, e todo mundo concordou com ele, eu era o último. Ele perguntou: “E você?” Eu digo: “Ministro, divirjo de tudo o que o senhor disse, por isso, isso, isso e isso”. Ele falou: “Você tem razão, eu adoto o seu ponto de vista”. Então, todo mundo adotou o ponto de vista dele, que era o meu. No dia seguinte o Marcondes me convidou para ir para o Gabinete dele.

MC - Sei. Mas o Ministro Marcondes Filho, ele entra...

SV - Em [19]42.

MC - [19]42. De [19]40 a [19]42 o senhor ainda está sob a...

SV - O Waldemar Falcão.

MC - O Waldemar Falcão. Como é esse período da gestão do Waldemar Falcão em termos da sua atuação na Previdência Social?

SV - Naquela época apenas se cuidava dos recursos dos processos administrativos da Previdência Social. O Conselho Nacional do Trabalho era composto de alguns entendidos de direita, e de representantes classistas. Havia por exemplo, lá um que ficou famoso, Luiz Augusto da França, era um cozinheiro conhecido França Bico Doce, crioulo baiano, bem falante. E nós tínhamos a oportunidade de falar nas seções do conselho sempre que um conselheiro levantava uma dúvida. E certa vez o Luiz Augusto da França pegou um processo e disse: “Eu quero o parecer verbal da Procuradoria. Porque funcionou nesse processo o procurador Salvador Tedesco. Há uma dúvida levantada pelo diretor do Departamento de Previdência Social, o Dr. Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira”. É um grande conh... do direito previdenciário. Foi à Procuradoria, e o procurador disse: “Estou de acordo”. Estava de acordo que havia uma dúvida, mas não opinou sobre a dúvida. E eu peço o parecer do procurador. E nessa ocasião eu comecei a funcionar mais ativamente.

NM - O senhor está falando sobre o Ministério do Trabalho numa época muito polêmica na vida política brasileira do Estado Novo? E antes de [19]42, quando o senhor começa a trabalhar, como é que ele era mais ou menos organizado? Ele era muito setorializado, ele era muito em cima das questões do eixo Rio- São Paulo?

SV - Exatamente, era eixo Rio- São Paulo. Porque o próprio Waldemar Falcão, que era cearense, a vivência dele era mais no Rio de Janeiro. E o Ministério, os grandes problemas sociais eram Rio e São Paulo; as greves, essa coisa toda e tal. De modo que o Ministério funcionava em torno daquilo, e o Ministério funcionava realmente em torno de dois departamentos: Departamento Nacional de Previdência Social e o Departamento Nacional do

Trabalho. Havia Departamento de Indústria e Comércio, esses não tinham uma grande atuação, e uma grande projeção. Mas naquela ocasião ainda o problema social não era muito grave. Porque a política do Getúlio era a política da prevenção. Sempre que sentia que havia um problema, como ele tinha o poder total, ele prevenia o conflito expedindo leis, decretos-leis. Muitas vezes nós conversávamos com ele, eu ainda como diretor do departamento, dizendo: “Presidente, não seria melhor esperar um pouco mais?” Ele disse: “Não, se a lei estiver errada, depois a gente baixa outro Decreto-Lei consertando este, mas o principal é resolver o problema do trabalhador agora”. E realmente ele tinha essa preocupação. Eu posso citar um outro caso: certa vez, eu diretor do Departamento Nacional do Trabalho, fui chamado para conversar com o Presidente, tinha havido uma greve de tecelões. E o Presidente: “O que houve na Fábrica Bangu?” Eu disse para ele “... não, na Fábrica Confiança”. Eu digo: “Felizmente, Dr. Getúlio, só morreu um operário.” Ele ficou muito irritado comigo e disse: “Nunca diga que felizmente só morreu, não devia ter morrido nenhum”. Eu disse: “Mas Presidente é que os trabalhadores em greve saíssem lá da Confiança, e fossem lá para Bangu, em vez de um, morriam dez”. Que a Bangu tinha uma guarda muito grande. Ele diz: “Mas é preciso ver com a polícia para que se previna, e não se reprima a greve”. Ele tinha um profundo pensamento social.

MC - É porque Dr. Segadas, essa mudança de Ministro Waldemar Falcão para o Ministro Marcondes Filho?

SV - Porque o Getúlio precisava de um homem que fosse capaz de ter projeção, de falar para massa. O Marcondes Filho além disso representava o pensamento em São Paulo, onde estava os grandes industriais, as grandes figuras, os grandes potentados. E como centro, São Paulo era um centro de agitação maior sobretudo na parte da indústria têxtil, ele procurou um homem que tivesse facilidade disso, então chamou o Marcondes.

MC - O senhor viu uma mudança muito significativa entre o Ministro Waldemar Falcão e o Ministro...

SV - Uma mudança radical.

MC - Radical.

SV - Porque o Waldemar Falcão era um homem de valor, mas era praticamente um tímido, e mais um burocrata. O Marcondes era um político. Então, começou logo a falar todo dia, “trabalhadores do Brasil...” E realmente foi quem fez o grande trabalho de divulgação da obra de Getúlio.

MC - Quando o senhor entra para o Ministério do Trabalho, qual é a situação dos institutos e das caixas também?

SV - A situação das caixas era de pré-falência. Porque o sistema de caixa não podia funcionar, porque os benefícios que elas davam pequenos. Não havia um serviço atuarial perfeito, e além do mais o que acontecia era o seguinte: é que as caixas atendiam desigualmente os tipos de trabalhadores. Caixas não tinham, a Lei de Grande Número não funcionava, porque atendiam a setores somente. E a tendência da Previdência Social é da amplitude, é da coletividade, é de todos contribuírem em benefício talvez até nem de si próprios, mas em benefício da coletividade. E esse era o pensamento do Marcondes. Então, daí partiu-se para a extinção das



caixas, e a criação dos institutos, que sofreram no princípio o mesmo problema: havia institutos perfeitos, quase perfeitos, bancários, por exemplo, porque a classe bancária mais qualificada, melhores salários, não sofriam tantos problemas de saúde, de aposentadoria precoce, como por exemplo, os estivadores. Então, começou a haver, se sentir desigualdade de tratamento, tratamento das diversas categorias de trabalhador. E a tendência era a unificação, inclusive por causa da Lei de Grandes Números.

MC - Lei de...?

SV - Grandes Números, que visavam, quanto maior for o número de segurados melhores serão os benefícios para aqueles que necessitam porque nem todos vão necessitar.

MC - O senhor se lembra no final dos anos [19]30, o senhor ainda não estava no Ministério, mas tinha discussões, mesmo a partir dos anos [19]40, tinha discussões sobre a unificação das caixas?

SV - Naquele, o pensamento daquela ocasião era extinção das Caixas, depois então começaram a ser criados os Institutos: Marítimos, Transportes de Carga, Comerciais, Bancários, depois Industriários.

MC - Quanto é o trabalho do senhor como... na Justiça do Trabalho, qual era assim, as causas mais freqüentes, quais as causas mais freqüentes que aparecia...

SV - O maior número de recursos era do indeferimento de pensões. Porque não havia um serviço perfeito, levantamento dos dados pessoais dos segurados. Havia o problema da companheira, e eu fui o primeiro a dar um parecer favorável à concessão de pensão à companheira, que só se dava pensão à mulher casada. Quando surgiu um processo com recurso foi para as minhas mãos, e eu dei um parecer dizendo que o que a lei queria entender família, não era apenas o que era casado, família é aquele conjunto de pessoas vivendo com o mesmo objetivo social. E então, Tribunal aprovou o meu parecer, e daí em diante nós demos a pensão à companheira.

MC - Isso o senhor disse que a maior parte das causas dos recursos eram ligados a...

SV - Benefícios, aposentadoria e, muitas vezes, pensões, não é?

MC - Pensões, quais eram os outros motivos de indefinição de...

SV - Praticamente 80% era isso, havia muito poucos recursos em matéria de funcionalismo. Porque o Departamento Nacional de Previdência Social coordenava tudo, sob a direção do Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira.

MC - O senhor poderia falar um pouco da atuação do Moacyr Velloso nesse período?

SV - O Moacyr Velloso Cardoso, um rapaz de uma grande cultura, de uma grande coragem cívica. Tanto que quando foi presidente do Conselho Nacional do Trabalho, aquele alagoano Silvestre Péricles de Góes Monteiro, que era um louco, certa vez entraram dois funcionários para falar com ele: Moacyr Velloso, e um outro que eu não me lembro o nome agora, depois até mais tarde, depois de muito velho se fez padre. Então...

MC - Se fez?

SV - Padre. Moacyr e esse outro iam com um emblemazinho da Liga Católica. E o Silvestre Péricles, que era louco, completamente louco, disse: “De que clube é esse escudo aí?” O Moacyr Velloso disse assim: “Isso é da Liga Católica”.

MC - Liga Eleitoral Católica?

SV - Não, Liga Católica naquele tempo. Esse outro, que eu não me lembro o nome agora, me disse: “Eu não gosto disso”. No dia seguinte do despacho, esse outro que acabou padre foi o escudinho da Liga, e o Silvestre disse para ele: “O senhor continua?” Disse: “Não tiro nunca, eu sou católico e não tiro nunca”. O Moacyr e o Silvestre Péricles teve que engolir o Moacyr. O Moacyr era muito competente.

MC - É...

SV - Ele hoje em dia está na Academia Nacional da Previdência Social, no Instituto Nacional de Previdência Social, Academia Nacional de Previdência Social. Ele é uma das grandes figuras de lá.

MC - É, ele está na Secretaria de Previdência Social também, lá.

SV - Hein?

MC - Ele está trabalhando no Ministério da Previdência Social.

SV - Eu sei. Está, hoje em dia eu sou membro do Conselho da Freitas Bastos, Conselho Consultivo, e o Moacir acaba de escrever um livro sobre Previdência Social.

MC - Exatamente. É...

SV - Até ele andou doente, ele tinha um problema de coração, não sei o quê, mas está plenamente restabelecido.

MC - E, ele está bem agora, está bem. Nós acabamos de entrevistá-lo.

SV - Ah! Eu acho o Moacir um sujeito fabuloso.

MC - Dr. Segadas Vianna, o senhor mencionou o nome de um sindicalista, não é?

SV - Luiz Augusto da França.

MC - Cozinheiro França.

SV - França Bico Doce.

MC - França Bico Doce. O senhor considera que a Previdência, de certa maneira, contribuiu para a criação desse tipo de sindicalistas? Que o senhor até qualifica de mergulhadores de tapete.

SV - É, porque quando eu assumi o Departamento Nacional do Trabalho, como o Rego Monteiro gostava muito daquele salamaleque, aquelas coisas, eu chamei a secretária dona Hilda, que é dona Hilda de Carvalho. E disse: “Por que esses homens chegam aqui, e fazem essas reverências todas?” “Não, o dr. Rego Monteiro gosta”. Eu digo. “Mas eu não gosto de mergulhadores no tapete, não.”

MC - Quem falou? O senhor perguntando por quê?

SV - É, por mim, eu digo: “Eu não gosto de mergulhadores no tapete. Eu quero que eles venham aqui expor as suas necessidades, as suas reivindicações com coragem”. Mas já naquela ocasião havia uma classe, classe que foi útil em certos aspectos, e pernicioso em outros, do pelego. Vocês sabem a origem do nome pelego? Pelego é porque no Rio Grande do Sul, o gaúcho, entre o cavalo e a sela, ele bota uma manta que se chama pelego. Então, é que a manta é para amaciar. Então, o pelego era aquele que amaciava, era aquele que se aproximava do Ministério em troca de favores, de fazer parte de comissões, de garantia para se reelegerem nos sindicatos, especialmente para isso; e serviam ao governo, serviam ao governo como intermediário, era o algodão entre os cristais. Mas na verdade ele levava algumas reivindicações dele, que não atingissem os seus interesses pessoais. Havia bons, Antônio Francisco Carvalhal, por exemplo, os Laranjeira, eram grandes líderes, mas em compensação o número de pelegos era muito grande, e eles desserviram por fim o governo, por isso impedidos de fazer um sindicalismo autêntico. Nosso sindicalismo passou a ser sempre um sindicalismo comandado de cima para baixo, um sindicalismo que servia os interesses do governo mais do que aos interesses dos trabalhadores, porque trabalhador não podia fazer greve, não podia fazer isso, não podia fazer aquilo. Eu não sou favorável a greve total, hein? Ainda agora escrevi um livrinho diz: greve, em que eu falo muito em greve, greve dos serviços públicos, greve na Previdência. Depois vou ver se eu tinha um exemplar, eu te dou.

MC - O senhor está falando, o senhor disse que tinha vantagens e desvantagens na figura do pelego. E quais seriam as vantagens?

SV - As vantagens era que eles levavam ao governo certas reivindicações. Porque o Ministério não tinha meio de comunicação com os trabalhadores. Eu mesmo, quando foi criada a Comissão Técnica de Orientação Sindical, a CTOS, a CTOS era chamada de SNI, não era SNI, apenas que o Governo não sentiu o problema, e como todo brasileiro gosta muito de fazer parte de qualquer coisa secreta, ser agente secreto, essa coisa, eu peguei em quase todas as classes um elemento mais inteligente e disse: “Você quer colaborar conosco? Quando houver algum problema, você me dê notícia. Se você não quer aparecer aqui, eu dei endereço de quatro funcionários, manda uma carta com uma sigla qualquer para esse funcionário”. Então, com isso nós pressentíamos os problemas, e procuramos evitar a eclosão de greves, de gerações.

MC - Eu queria perguntar ao senhor o seguinte: o senhor foi, após [19]42, diretor geral...

SV - Do Departamento Nacional do Trabalho, antes eu fui diretor da Divisão de Organização e Assistência Sindical.

MC - Então, como é que o senhor chega a esse cargo de diretor do Departamento...

SV - Nacional do Trabalho. Foi aquele episódio que eu contei, de que quando o Rego Monteiro chegou do Sul interessado com um grupo como o GOU, e que o Marcondes não quis que ele fizesse o relatório, e quis, deu três meses. Então, me disse: “Você vai assumir o Departamento Nacional de Trabalho”. Eu fui nomeado interinamente, e o Marcondes me levou ao Getúlio para eu agradecer ao presidente. Quando eu agradei, ele abriu uma gaveta, tirou uma pasta, disse: “Aqui é a sua pasta da Ordem Política e Social”. Eu digo: “Que história é essa, Presidente?” Diz ele: “É porque o Serafim Braga, que era o Comissário da Ordem Política, me deu essa pasta aqui: suspeito de atividades comunistas. Então, era suspeito de atividades comunistas. Tinha havido um banquete em homenagem ao Serafim Braga. E tinha uma fotografia dele no meio dos convivas, e (TI) ou por maldade, ou por distração, porque o Serafim era um homem muito gordo, em vez de botar: ao centro o homenageado, botar ao centro o homem gordo. Então, o Serafim mandou apreender o *Diário da Noite*, e mandou me prender. E eu fui preso, e estive no governo Getúlio...

### Fita 1 - Lado B

SV - Os sindicatos, o prestígio dos sindicatos, por isso nós fizemos uma Comissão Técnica de Organização Sindical, fizemos curso para dirigentes sindicais, ensinando o que é o dirigente sindical, as funções dele, essa coisa toda, e era também a parte de prevenção da agitação social.

MC - Sei.

NM - O que era chamada agitação sindical?

SV - Agitação social.

NM - Agitação social?

SV - Eram as chamadas, que hoje em dia nós chamamos de greves, que rebentam sem qualquer prevenção, sem qualquer aviso. Porque essas greves criam problemas sérios para a indústria e o comércio e para coletividade. Que eu sou favorável em primeiro lugar ao direito de greve, indiscutivelmente, apenas com restrições, greves nos serviços públicos, e sobretudo as greves daqueles serviços que a paralisação prejudica não a classe, prejudica a coletividade, prejudica o povo, a greve de médicos, por exemplo.

NM - Essa idéia o senhor já defendia no livro de 1959?

SV - Já, greve, direito ou violência, que já não existe mais, nem eu tenho exemplar dele.

MC - Eu queria perguntar ao senhor o seguinte: nesse período aí que o senhor estava no Departamento Nacional do Trabalho, parece, quer dizer, o senhor coloca na entrevista para a

fundação, que existia muita autonomia do trabalho, existia, por exemplo, o trabalho dos técnicos.

SV - Ah! Inegável. E daquele tempo os diretores do Departamento funcionavam como verdadeiro colegiado, com excesso de trabalho para o ministro, por exemplo. Eu dirigia, eu tinha que despachar com 15 ou 16 presidentes de institutos, diretores de departamento, aquela coisa. Então, eu passei a ter um grupo de assessores muito bom, era o chefe de Gabinete Oswaldo Carijó de Castro, Aluísio Seabra. Então, eles coordenavam, preparavam o estudo dos processos, e apenas trazia ao Ministro, que quando tinha uma dúvida pedia a presença do presidente do instituto ou não para debater. A autonomia que eles merecem, nós queríamos que eles tivessem coragem de decidir, que antigamente tinham um medo de decidir diante do Falcão, que tinha uma mentalidade mais retrógrada.

MC - E ele, quer dizer, na gestão do Marcondes Filho houve maior liberdade...

SV - Muito maior liberdade. Marcondes era um homem de diálogo, Marcondes era um homem que reunia, conversava com a gente, ele tinha uma inteligência fabulosa. Às vezes você cortava a palavra do Marcondes, e começava a dar o seu ponto de vista. No meio ele dizia: “Cala a boca, que eu já entendi, estou de acordo com você”. Completava o meu pensamento. Ele era realmente genial.

MC - Como é que o senhor vê nesse período, ainda no Estado Novo, a Previdência no sentido de dar mais respaldo ao governo?

SV - Exatamente eu não via esse respaldo ao governo.

MC - Não via?

SV - Não. A Previdência naquela ocasião era muito...

MC - Sou eu.

Interrupção na gravação

SV - Estávamos falando sobre a Previ...

MC - Ah! Se a Previdência dava mais respaldo ao governo, ou se o governo se utilizava da Previdência Social.

SV - Não. Não, porque a Previdência Social era muito falha, sobre todos os aspectos, no Ministério do Trabalho, a não ser o Departamento Nacional do Trabalho, e a não ser o Departamento Nacional de Previdência Social, era uma blague. Eu cito até um episódio que parece humorístico, mas é verdade. O Departamento de Estatística era chefiado por um homem de grande valor, Costa Miranda. Certa vez ele fez uma estatística, diz: município de Jaboaão, média de suicídios entre os barbeiros, 50%. Marcondes: “Mas o que é isso?” Então, havia dois, e um se suicidou, entendeu? Então, o Ministério era muito falho. O Marcondes é que deu vida ao Ministério.

NM - Na literatura, eu gostaria de reforçar sobre a Previdência Social, o movimento operário, sempre se destaca que a Previdência Social teria sido um dos mecanismos que o Estado Novo,

e a política de Vargas, teria se utilizado para conseguir se impor sobre o conjunto dos trabalhadores.

SV - Porque foi o Getúlio, inegavelmente, que procurou. O Getúlio tinha um sentido humano muito grande, ele tinha muita angústia pelo trabalhador, de modo que ele é que incentivou que a Previdência Social fosse mais útil. Eu citei esse caso da casa do empregado da Leopoldina, dessa greve e tal. Que o Getúlio era um homem que sendo um caudilho, um homem de fronteira, mas ele viveu muito o problema político do Brasil, o Getúlio era um homem, ele disse certa vez do Marcondes: “O Marcondes, quer dizer o Marcondes é que disse do Getúlio: “O Getúlio não olha para o mar, ele fica de costa para o mar e olha para o Brasil, olha para o verde para decidir”. E realmente a preocupação do Getúlio era essa, era sentir que havia uma massa trabalhadora, que podia progredir, e que não progredia porque o João Daudt, os grandes industriais de São Paulo não queriam dar margem. Aquela política que foi a mesma adotada nesses últimos 20 anos da gloriosa... do governo militar. Era manter o trabalhador ignorante, que é para o trabalhador não se projetar na vida social.

NM - Em relação aos trabalhadores rurais, nesse tempo quando foi a entrada do Marcondes, falava-se na sua participação em relação ao sistema previdenciário?

SV - Não, naquela ocasião foi criada uma comissão da qual fez parte até a Alzirinha, Alzira Vargas, para se estudar a possibilidade de ampliar a previdência ao trabalhador do campo. Mas a dificuldade era muito grande, em primeiro lugar, porque você falar em direitos trabalhistas para o trabalhador do campo, era condenar o trabalhador à morte. Eu mesmo discuti o problema da estabilidade no campo, posteriormente, no dia em que a Justiça do Trabalho determinar que um trabalhador é estável, ele quando sair da junta ele morre, porque era verdade, e isso acontece ainda agora. Naquele tempo, você imagina agora isso, há 40 e tantos anos passados. Então, não havia possibilidade de se estender, primeiro por falta de organização, segundo por falta de liderança no campo, nossos trabalhadores no campo ainda a porcentagem de analfabeto é dramática, mais de 40 e tantos por cento. Agora, imagine naquela época.

MC - Dr. Segadas Vianna, quando o senhor vai para o Ministério do Trabalho, o senhor já tem uma experiência anterior, uma experiência política, desde a época da República Velha, e também como jornalista, o senhor também teve uma série de contatos com o Getúlio Vargas, com o Presidente Getúlio Vargas, e o senhor fazia parte de um órgão, entrava em contato direto com o presidente desse órgão, que essa o Assis Chateaubriand, que tinha toda uma sensibilidade política...

SV - Trabalhei 12 anos.

MC - É.

SV - Com o Chateau.

MC - Com o Chateau. É...

SV - Que era um sujeito genial, era um monstro. Eu sempre disse: “Ninguém queira ser inimigo do Chateaubriand, porque o Chateau não é amigo de ninguém, ele se serve de todo mundo, mas quando ele se desgosta, ele é implacável”. Ele procurou se servir de mim! Quando

reventou a guerra, foi nomeado para comandar a primeira tropa o (TI), era o regimento de Caçapava, é o meu irmão, era o coronel. Dois dias depois apareceu o Chateaubriand lá no Ministério do Trabalho. “Seu Marcondes, eu preciso do Segadas Vianna”. Ele falava assim, dessa maneira. “Eu preciso do Segadas Vianna para ir como correspondente de guerra.” Eu digo: “Dr. Assis eu não vou, o senhor quer que o irmão do Coronel Segadas Vianna vá para lá, e eu não vou”. Mas ele era ge... o “Chateau” era genial. Foi o sujeito que eu já vi com maior capacidade de escrever. Eu trabalhei muitos anos com ele, 12 anos, na agência Meridional, do *Diário da Noite*, depois no jornal *Diário Mercantil*, andei por aí pelo interior dirigindo jornais do Chateaubriand. O Chateau chegava na Agência Meridional por volta de três horas da tarde com cinco, seis laudas escritas para mandar para a oficina, do começo de um artigo, depois ia, pegava umas laudas. A gente procurava: “Cadê o Chateaubriand?” “Estava em São Paulo.”

MC - Um minutinho.

Interrupção da gravação

SV - Duas horas depois, ele telefonava de São Paulo para ditar o... mais um pedaço do artigo. Voltava de noite, 11 horas da noite, para completar o artigo, pegava aquelas laudas todas misturadas, e estava tudo certinho. Ele era genial.

MC - Bem, mas de certa maneira o senhor destoava da experiência de outros técnicos ligados à Previdência Social, quer dizer, Previdência Social, não, Ministério do Trabalho.

SV - Porque eu não era um técnico.

MC - Hein?

SV - Eu não era um técnico, eu era sobretudo um jornalista. Eu sempre digo: “Qual é a profissão que você mais gostou da sua vida? De jornalista, de repórter”. Tanto que eu fiz uma série de palestras que chamam “Repórter, a alma do jornal”. A minha paixão sempre foi o jornalismo. Infelizmente, jornalismo no Brasil ainda é mal pago, e naquele meu tempo nem era pago.

MC - Quais eram, para o senhor, os principais técnicos da Previdência, do Ministério do Trabalho naquele momento? Que o senhor está trabalhando no Ministério do Trabalho?

SV - Aquele com quem eu lidava realmente era o Moacyr, na Previdência Social; o Durval Lacerda, que era o Procurador da Justiça do Trabalho, que era muito bom.

MC - Durval Lacerda?

SV - Durval Lacerda, você tinha o Moacyr, que eu já citei; você tinha o Oswaldo Carijó de Castro, que foi diretor do pessoal, depois diretor de administração, que era um sujeito formidável; e os outros eram figuras mais ou menos apagadas, figuras de rotina.

MC - Os Saraiva?

SV - Oscar Saraiva era, foi Consultor Jurídico do Ministério. O Oscar era um sujeito de grande valor, muito equilibrado e muito honesto. Ele foi Consultor Jurídico do Ministério, mas ele nunca foi diretor do Ministério, não tinha uma atuação não sendo consultoria.

MC - O senhor se lembra da atuação do dr. Oscar Saraiva na Previdência Social ou escrevendo sobre Previdência Social?

SV - Não.

MC - Não. Bem, desses técnicos que o senhor mencionou, havia uma identidade entre eles, ou não? Ou havia uma diferença entre eles?

SV - Normalmente o centralizador de tudo era o Marcondes.

MC - Sim.

SV - Nós todos girávamos em torno da figura do Marcondes. E havia um grande técnico, que eu me esqueci, que era o Sussekind.

MC - O Arnaldo Sussekind.

SV - Arnaldo Sussekind, que foi quem criou lá no Ministério o Serviço de Recreação Operária, que era uma parte, no meu sentido era seguridade social.

MC - Esse Serviço de Recreação Operária, de que se tratava esse tipo de serviço, o quê? Atividades esportivas?

SV - Atividades esportivas: campeonatos de futebol, de atletismo, tudo isso. E também a criação de colônias de férias.

MC - Sim.

SV - Quando o Marcondes deixou o Ministério, então acabaram, o Otacílio Negrão de Lima fez um Congresso Sindical, gastou dinheiro do Fundo Social Sindical no congresso, e não se fez nada realmente de colônia de férias. Que depois foram feitas pelo SESC, SESI.

MC - Esse tipo de proposta de recreação, de atividades esportivas com os trabalhadores, ela estava trabalhando de certa maneira dentro daquele centro de orientação sindical?

SV - Já, pois é, isso já vinha daquele tempo em que nós pensávamos que o sindicato não devia ser apenas um órgão puramente de reivindicações, ele devia ser de elevação do nível social do trabalhador. E o trabalhador naquele tempo ou jogava pelada, porque não havia nem profissionalismo de futebol; não entrava na sede dos clubes grã-finos, era o Fluminense, Botafogo, essa coisa toda. Então, não havia chance de o trabalhador praticar esportes. E o Serviço de Recreação Operária vem desabar isso, e realmente faz grandes coisas.

MC - Eu me lembro, tinha umas publicações, uns livros, desse Centro de Recreação Sindical.

SV - O serviço?



MC - Não, eu estou dizendo o seguinte: o Centro de Orientação Sindical...

SV - Ser...?

MC - CTOS.

SV - Serviço, é.

MC - CTOS.

SV - Comissão Técnica de Orientação Sindical.

MC - Comissão Técnica...

SV - De Orientação Sindical.

MC - Nos livros da comissão técnica existiam certas preocupações já de aumentar o nível social, intelectual...

SV - Nós fizemos, nós temos publicado, nós temos um curso de orientação sindical, e todos colaboraram com palestras. Inclusive eu fiz uma palestra lá, o Arnaldo também. Para elevar o nível do trabalhador, acabar com aquele negócio só de operário. Nós temos, eu sou contra, porque primeiro trabalhador. Operários somos todos nós, operário foi Jesus, tudo isso, entendeu? Mas então, precisa dar essa possibilidade ao trabalhador de ascender socialmente. Então, era uma das preocupações da Comissão Técnica, da CTOS.

MC - Numa comunicação que tem um trabalho do senhor, do Fioravanti, dr. Fioravanti di Piero.

SV - Fioravanti de Piero.

MC - É. O próprio dr. Marcondes Filho comentando o trabalho nesse livro quer dizer...

SV - É. Eu tenho o livro aí.

MC - O senhor tem esse livro. E eu me lembro que tinha muito essa preocupação da...

SV - Essa era a grande preocupação, porque até certa época. Inclusive eu lhe rendo homenagens, durabilidades, mas a época do Rego Monteiro, trabalhador dirigente sindical era apenas na ordem do mergulhador de tapete. Não havia conveniência de elevar o nível intelectual do trabalhador, que era a possibilidade de criar lideranças. E as lideranças só vieram a aparecer por quê? Na hora em que a classe média começou a ser oprimida, quando a classe média começou a ser oprimida: médicos, advogados, engenheiros, começaram a rebaixar as possibilidades de ganhos, a classe média passou a atuar mais diretamente nos sindicatos, levando lideranças que os sindicatos não tinham.

MC - Sim. O senhor mencionou o nome do dr. Rego Monteiro, e que ele era um homem que o senhor até qualifica na entrevista do CPDOC como um homem de extrema direita.

SV - Era, ele era um corporativista.

MC - Sim. Então, mas então não havia assim, uma unidade no Ministério, havia pessoas mais...

SV - Até o tempo do Marcondes.

MC - Até o tempo do Marcondes.

SV - Até o tempo do Marcondes, porque o ex-ministro era um homem de direita.

MC - O Waldemar Falcão.

SV - Um homem de direita. Ligado aí, profundamente ligado ao clero, extraordinariamente ligado ao clero. Eu não tenho nenhum problema com o clero, mas nós chegamos a brincar, dizendo que o Rego Monteiro ele usava um terno-jaquetão, mas nós dizíamos que ele era forrado de vermelho e que a bengala dele, que o guarda-chuva dele virava, desatarraxava e punha uma vela. Que quando ele via uma procissão, ele virava o casaco ao contrário e entrava. Ele tinha obsessão pelo corporativismo. Eu me lembro que ele diretor do Departamento Nacional do Trabalho, houve uma daquelas comemorações no campo do Vasco, e de repente o Marcondes: “O que é aquilo lá?” Vinha uma motocicleta com *side-car*, no *side-car* de pé com um capacete branco o Rego Monteiro, passando em revista os operários.

NM - No campo do Vasco.

SV - Hein?

NM - Isso no campo do Vasco?

SV - É no campo do Vasco.

MC - Dr. Segadas Vianna, o senhor nesse período de [19]42, [19]43 havia assim, uma leitura da literatura internacional sobre Previdência Social, sobre...

SV - Muito pouca.

MC - Muito pouca?

SV - Só mesmo daqueles técnicos de Previdência, que formavam um grupo seletivo, grupo especializado.

MC - E essa pessoa tinha ligação com a literatura em termos...

SV - Tinha.

MC - O senhor se lembra nesse período de congressos, conferências em que participaram?

SV - De Previdência houve, eu me lembro houve um congresso em Viena, do qual eu fiz parte.

MC - Isso foi em que ano? Isso foi já nos anos [19]50, não?

SV - Foi nos anos [19]50.

MC - Mas nos anos [19]40?

SV - Não... Não me lembro nada, não.

MC - Não... não se lembra.

SV - Em [19]40 e poucos eu fui a Porto Rico, mas aí não fui pelo Ministério do Trabalho.

MC - Pelo Ministério.

SV - Eu fui como consultor do SESC, que eu era. Eu fui consultor do...

MC - Foi depois de [19]45?

SV - É.

MC - Em geral...

SV - Eu tenho que estar te falando de memória, hein?

MC - Hein?

SV - Porque eu tenho 80 anos só, entendeu? Minha memória já não funciona antes, computador não.

MC - É, o senhor fez parte da comissão que elaborou a CLT?

SV - A Comissão que elaborou a CLT se dividiu, uma parte ficou com a parte de previdência, e uma parte ficou realmente com a CLT, que eram: Arnaldo Sussekind, Durval Lacerda, Oscar Saraiva e eu. Mas o Oscar Saraiva depois passou para a Previdência Social.

MC - Porque essa época a elaboração da CLT também é composta de uma comissão para formular o Projeto do ISSB, Instituto...

SV - Seguro do Governo.

MC - Social Brasileiro.

SV - Brasileiro, Vital.

MC - Que era o Vital. Só que a CLT, quer dizer, o senhor se lembra desse projeto do ISSB?

SV - Não.

MC - Não. O senhor só se lembra que foi feito pelo Vital?

SV - Vital.

MC - É, porque pelo que parece, quer dizer, a CLT, ela teve a elaboração e chegou, quer dizer...

SV - Quando a CLT foi elaborada nós resolvemos publicar um projeto para exames de sugestões. Foram feitas quase 2.000 sugestões. E a comissão durante três meses e meio examinou e aprovou grande parte dessas sugestões. O pouco que não se pode aprovar foi justamente na parte ainda rançosa, ruim da CLT, que era a organização sindical. Porque era o Rego Monteiro corporativista. Meu projeto de lei sindical tenho aqui, de 1949, eu já modificava toda a estrutura sindical, libertava o sindicalismo da opressão do Ministério do Trabalho.

MC - Quer dizer, não foi mais avançada a CLT, porque houve resistência por parte...

SV - Do Rego Monteiro, e pelo lado lá dos grandes industriais, eram: o Simonsen, aquela gente toda de São Paulo. Mesmo na própria CLT, por exemplo, quando ela dispõe sobre prevenção de acidentes, segurança do trabalho, eu me lembro que certa vez o Marcondes me disse: “Você vai conversar com Dr. Guilherme da Silveira”. Era diretor da Fábrica Bangu, pai do Silveirinha. Mas o Guilherme da Silveira era um sujeito de visão social, tanto que na Bangu foi quem fez recreação operária, fez tudo, tudo lá. E eu fui conversar com o dr. Guilherme, ele leu, disse: “Está tudo muito bom, mas se vocês insistirem isso de gora a gora, não passa. Então, é preciso dar um prazo”. E realmente foi dar um prazo de um ano para aplicação a critérios do Ministro, e tal. Foi o jeito de se incluir segurança do trabalho, que foi reformado tudo isso agora, e melhorado, de reforma da CLT.

MC - Sim. Quer dizer, o senhor não se lembra, o senhor não se lembra nada sobre projeto do ISSB?

SV - Não.

MC - O que ele se propõe a fazer?

SV - Não, nunca tive...

MC - Lembrança...

SV - Nunca tive participação nenhuma nisso.

MC - Sim. Dr. Segadas Vianna, o senhor, quer dizer, há uma preocupação desde o início dos anos [19]40 gradativamente se definia-se uma agremiação, de um partido político que ele tivesse conotações trabalhistas, até com as influências do Partido Trabalhista Britânico.

SV - Britânico.

MC - E o senhor a partir de [19]42 é criado um centro...

SV - Centro Trabalhista de Estudos Políticos Econômicos e Sociais.

MC - É.

SV - Tinha que inventar uma coisa, que não havia partido ainda, entendeu? E eu senti o problema, estava no Ministério, então eu fiz uma nota para o Presidente Getúlio dizendo: “O Brasil foi aliado da Rússia, e agora que nós éramos aliados houve a vitória, é possível que haja formação de partidos trabalhistas, e possível partido comunista no Brasil. Não acredito – eu errei – não acredito, entretanto que venha a ter um partido comunista, porque em dar o temor disso, e tal”. Então, propus que se criasse um partido trabalhista brasileiro. Há um dos moldes do Partido Trabalhista Britânico, como divisor de águas entre a extrema esquerda, entre a esquerda vitoriosa, e a extrema direita que está desaparecendo. Dr. Getúlio escreveu assim: “Aguardar”. Entregou isso ao Marcondes, o Marcondes disse assim: “Olha, isso é para aguardar e tal”. Eu resolvi não aguardar. Então, fiz aí os centros trabalhistas. Quando foi a Conferência de Chapultepec, o Marcondes me chamou e disse: “Olha, vou te mandar para uma missão internacional, havia a Conferência de Chapultepec você vai pelo Ministério do Trabalho”. Disse: “Não vou não, Ministro, os senhores estão querendo é me tirar do Departamento Nacional do Trabalho por causa do Partido Trabalhista que vai surgir. É muito simples, eu peço demissão agora”. “Não, não, é que nós podíamos fazer um partido econômico social.” Disse: “Convidar, você vê, tem o Simonsen, tem o João Dalto...” Eu digo: “O Ministro vai ser um partido de generais sem soldados. Onde Simonsen for presidente, João Dalto for tesoureiro, trabalhador não vai.” Então, fizemos o PTB, o autêntico, que depois foi desvirtuado.

MC - Mas nesses centros de estudos, que parece começa a se desenvolver em [19]42, [19]43.

SV - [19]42, [19]43.

MC - Já havia uma preocupação em relação à Previdência Social, havia estudos sobre Previdência Social, havia debates?

SV - Não. Não, o Centro Trabalhista com uma camuflagem para um futuro Partido Trabalhista Brasileiro, entendeu? Quando surgiu o PTB eu tentei fazer com que o PTB fosse uma arma política para assegurar a permanência da obra político social do Getúlio, e não apenas a defesa da personalidade do Getúlio. Eu nunca fui quemista, eu sempre fui trabalhista. Admirava o Getúlio profundamente, tinha veneração por ele, mas eu queria era uma permanência. Naquela ocasião eu tive um aborrecimento com a Alzirinha. Porque ela um dia me chamou e disse: “Você está querendo tirar o PTB das mãos do patrão?” Eu digo: “Não, eu estou querendo que o PTB mantenha a obra do Presidente por toda a vida”. Brigamos, essa coisa toda, depois fizemos as pazes mais tarde, por imposição do Getúlio.

MC - Sim. Então, quer dizer, naquele período de formação do PTB não existia mais discussão sobre plataformas...

SV - Nada disso.

MC - Era mais no sentido de organizar.

SV - Objetivo político. Puramente você tinha a UDN, PSD, não sei o que, era criar um partido que fosse um divisor de águas. E era um meio de trazer os trabalhadores para poderem ingressar na vida política do país.

MC - Dr. Segadas Vianna, no início dos anos [19]40 são criadas uma série de instituições ligadas ao Ministério do Trabalho, e também à Previdência Social, como: o SAPS, o SAMDU, a LBA. O que o senhor tem a dizer sobre, por exemplo, o SAPS?

SV - Sobre o SAPS, quando foi criado o SAPS, estou querendo me lembrar o nome do primeiro presidente dele...

MC - Nos anos [19]40.

SV - É. Criado o SAPS, o SAPS foi o meio de atender um pouco à fome do trabalhador, dando refeição barata, alimentos, essa coisa toda e tal. E o SAPS realmente foi paliativo, mas teve também objetivo político, como agora o dr. José Sarney faz o Plano Cruzado I, Cruzado II, Cruzado III, cruz-credo, essa coisa toda, entendeu? Então, o que aconteceu é o seguinte: é que foi um meio sobretudo nas grandes cidades, Rio e São Paulo, dar um pouco de pão barato ao trabalhador, um meio de amenizar as reclamações do custo de vida, tudo isso. Eu participei muito da ampliação do SAPS, que eu achava que o SAPS realmente atendia nas grandes cidades as massas operárias, e nunca foi possível estender mais adiante por falta de recursos, e por falta de organização.

MC - Em relação ao SAMDU? Já é criado mais tarde, em [19]44.

SV - Quando eu assumi no Ministério do Trabalho eu levei para o SAMDU o dr. Guilherme Malaquias dos Santos Junior, médico. E nós procuramos ampliar muito saúde. Porque realmente a Previdência Social não dava esse atendimento de assistência médica de urgência por falta de recursos, e por falta de organização mesmo. E o SAMDU prestou inestimáveis serviços. Era o melhor Serviço que havia de atendimento rápido, urgente e grátis, era do SAMDU.

MC - Sim. E a LBA?

SV - Da LBA nós nunca tivemos participação direta, a LBA era da Dona Darcy Vargas.

MC - Dona Darcy.

SV - É.

MC - Esse ficava bem separado.

MC - Bem, o senhor foi uma das principais figuras da construção do PTB. Em [19]46 o senhor se elege?

SV - Constituinte?

MC - Foi em [19]46.

SV - [19]46.

MC - Quer dizer, o senhor era um líder da bancada do Rio de Janeiro.

SV - Eu fui líder da bancada trabalhista no Rio e nós elegemos, se eu não me engano, 13 deputados naquela ocasião. Até...

MC - Quantos?

SV - 13. Até que naquela ocasião eu um dia, era o Otacílio Negrão de Lima, era Ministro do Trabalho. E o Otacílio Negrão de Lima mandou avisar que estava convidando a bancada do PTB para uma reunião com o General Dutra, manifestação de apoio. Aquilo era um... o Getúlio ia chegar dois dias depois, era um golpe político contra o Getúlio. Então, pedi a palavra pela ordem na Câmara, e disse: "O Presidente Eurico Dutra está querendo uma definição do Partido Trabalhista Brasileiro. Eu não vou dar do Partido Trabalhista, porque eu passei a liderança ao Gurgel do Amaral, mas vou dar a minha. Eu sou contra o General Eurico Gaspar Dutra". E sofri o diabo com ele, depois.

MC - Naquele período o senhor se colocou contra a candidatura do General Dutra, não é isso?

SV - Eu sempre fui, porque quando o Marcondes começou a fazer o trabalho pela candidatura do Dutra, certa vez o Marcondes disse: "Nós precisamos fazer uma reunião com os dirigentes sindicais. Apresentar o General Dutra, e tal". Então, eu fui encarregado de congregar os pelegos, essa coisa toda e tal. E fomos na Rua Camerino, era o Sindicato dos Rodoviários. Estamos lá, o General Dutra senta, faz o mesmo discurso de duas horas, nem uma única vez falou a palavra trabalhador. Então, quando ele acabou o discurso, o Marcondes bateu palma, eu já não bati palma, e ninguém bateu palma. Então, o Dutra considerou aquilo um acinte: "Foi de propósito!" Foi o Segadas que fez isso!" (risos)

NM - Vamos trocar a fita.

## **Fita 2 – Lado A**

SV - Levou para lá, estava lá aqueles dirigentes sindicais, avisaram o Eduardo. Eduardo saiu da sala e disse: "Boa tarde". Naquela exigência, os sindicais fizeram o discurso, essa coisa toda, ele disse: Até logo. Então, ficaram contra ele naquele dia. (risos)

MC - Dr. Segadas Vianna, o senhor na Constituinte, e depois, quer dizer: o senhor foi primeiro deputado, isso foi?

SV - Isso, depois fui deputado, fui eleito doa...

MC - Depois?

SV - É.

MC - Quer dizer: o senhor continuou...

SV - É como deputado...

MC - Deputado.

SV - É. Até [19]46, [19]50.

MC - [19]50, é nesse período começa a haver uma série de discussões, de debates, e de projetos principalmente na área de Previdência Social. O primeiro deles é do deputado Aluízio Alves, que na época era da UDN.

SV - Era um garoto.

MC - Hein?

SV - Era um garoto.

MC - Era um garoto? Em que ele seria o primeiro projeto...

SV - É.

MC - De Lei Orgânica da Previdência Social. O se lembra desse período assim, os debates que foram feitos nessa época?

SV - Honestamente, não. Eu fui sempre um homem mais envolvido com o direito coletivo do trabalho. Eu tenho paixão pelo direito coletivo do trabalho. O direito individual do trabalho é uma decorrência da existência do direito coletivo, das coalizões, das greves do passado, foram orçando a expedição de leis. De modo que eu sou praticamente quase que só estabeleci nas próprias Instituições de Direito de Trabalho, que vai sair a décima edição agora, meus capítulos são: sindicalismo, segurança e medicina do trabalho, direito de greve e contrato coletivo.

MC - Sim. O senhor não se lembra da...

SV - Nunca enveredei pela área da Previdência.

MC - Previdência Social. Na época, o senhor não se lembra dos debates?

SV - Não.

MC - Mas o senhor participou, quer dizer, o senhor foi presidente já como Ministro do Trabalho, a partir do ano de 1950. O senhor parece que foi em [19]52 da Comissão do Bem-Estar Social, não foi isso?

SV - Foi a Comissão de Bem-Estar Social foi visando dar maior amplitude à Previdência Social, e visando especialmente o trabalhador do campo. Tanto que a Alzira<sup>2\*</sup> fez parte dessa

---

<sup>2\*</sup> Alzira Vargas, filha do Presidente Getúlio Vargas.



comissão. Mas essa comissão teve também o objetivo político, é porque havia um deputado, daqui a pouco eu me lembro o nome dele...

MC - Hein?

SV - Havia um deputado, daqui há pouco eu lhe dou o nome, não estou me lembrando agora, que era candidato a tudo. Uma vez, eu conversei com o Presidente Getúlio, ele disse assim: “Não, ele é candidato a Ministro da Marinha, da Aeronáutica, da Fazenda, da Guerra, em que ele quer um Ministério. Então, vamos pensar um Ministério do Bem-Estar Social. E ele foi fazer parte, não me lembro o nome dele. Fez parte da Comissão de Bem-Estar Social, depois...

MC - Quem é? Josué?

SV - Josué de Castro! Josué de Castro.

MC - Josué de Castro.

SV - E a comissão realmente nunca chegou a fazer planos. Fez estudos e acabou se dissolvendo, porque o objetivo do Josué era esse, era ser ministro de alguma coisa.

MC - Como, quer dizer, como o senhor fala de seguridade social. Quer dizer, como é que o senhor entra em contato com essas discussões, com esses debates sobre seguro social, seguro pré-social, ou ampliação ou universalização?

SV - Porque eu vou ler, foi publicado pela revista do SESC um trabalho meu sobre isso, Seguridade Social. Mas porque... como eu tenho a preocupação do trabalhador, pelas minhas origens, eu sempre achei que era preciso dar alguma coisa mais do que aquilo que dava a Previdência, que era na hora da desgraça só, era na hora da doença, do acidente, e tal. Então, Seguridade é muito mais amplo para mim: é ascensão social, é residência, é tudo isso, que nunca se fez no Brasil

NM - O senhor ouvia falar do relatório elaborado na Inglaterra por Beveridge?

SV - Plano Beveridge, ouvi. E foi uma das coisas que me inspirou em problema de seguridade. Que foi um fracasso afinal. Nunca chegou a concretizar tudo que se espera. E no Brasil há um estudo que foi feito sobre custos. Nesse artigo eu falo nisso: Seguridade Social. A verdade é o seguinte: é que poucos países do mundo têm condições de dar recursos para uma Seguridade Social perfeita, e sobretudo o Brasil.

MC - Quer dizer, o senhor se lembra quando o senhor teve contato com o Plano Beveridge?

SV - Foi logo depois da aprovação na Inglaterra, logo depois. A Imprensa começou a falar em Plano Beveridge, e eu me interessei o que é isso, essa coisa toda, comecei a ler. Inclusive eu tinha um, ou dois, ou três livros, mas depois, como a minha obsessão é Direito Coletivo do Trabalho...

MC - Sei.

SV - E eu tive que reduzir a minha biblioteca três vezes. Aqui não tem nada, ainda agora eu estou com problema, tenho 600 no meu escritório, não sei onde botar.

MC - Sim. Sim. Basicamente a sua atuação fundamental ela se deu em que sentido? O senhor funcionava em que...

SV - Na parte do direito do trabalho, sobretudo a liberdade sindical, autonomia sindical, o direito de greve. E depois aquelas coisas que já nasciam da estabilidade, do trabalhador, tudo isso que depois a gloriosa tirou.

MC - Dr. Segadas Vianna, o senhor acha que no início da constituição do PTB, o senhor acha que a Previdência Social colaborou no sentido da Previdência fortalecer o PTB?

SV - Relativamente e honestamente pouco, porque o nosso programa do PTB, era um programa quase de... pedir a concretização daquilo que há havia. Poucas coisas novas, a... o que abriu novo era: participação nos lucros... essa coisa toda. Então, não houve amplitude do programa mesmo porque nós que organizamos o programa, preparamos o programa do PTB, éramos bastante inexperientes, e até incultos, entendeu? Aquilo foi feito, foi o que eu fiz, foi o Gurgel, um rapaz do Rio Grande do Sul, Aristides Largura, nós é que fizemos aquela parte.

MC - Porque sempre se coloca que o PTB, se beneficiou bastante da máquina sindical, e também da máquina previdenciária; tanto é que nessa área do trabalho, sempre quem indicava ministros na coalizão do PSD é PTB, quer dizer a Previdência sempre ficava com essa área do trabalho.

SV - Não, quem foi? O Otacílio Negrão de Lima, por exemplo, foi negado, foi indicado como Ministro do Trabalho, aquilo foi uma fraude. O Dutra, houve uma reunião na casa do Alencastro Guimarães, aqui na Rua Hilário de Gouveia, em que se discutiu o apoio ao General Dutra. Aquele jornalista, daqui há pouco eu me lembro, que deu apoio parcial, que era do tempo do Getúlio pleiteando o apoio integral, Maciel Filho, ao General Dutra. Depois de falar muito, e tal, disse assim: “Então, vamos fazer, dar o apoio?” Eu digo: “Não, e a carta?” Aí o Napoleão disse: “Que carta?” – “A carta! Tem uma carta com os compromissos.” Ele disse: “Você está pondo em dúvida a palavra de um General do Exército?” – “Não, Senhor. Eu quero a carta é do candidato, sem carta não há apoio”. De modo que naquela ocasião foi isso, nunca nós naquela ocasião tínhamos possibilidade nem condições de discutir mais amplamente, porque o nosso nível era de inexperiente.

MC - Sim. Mas já nos anos [19]50 se coloca muito que o PTB se beneficiou muito da Previdência.

SV - Da Previdência talvez, porque nós tivemos um dos membros do Diretório Nacional, que foi delegado do IAPC em São Paulo, não me lembro o nome dele agora. Mas relativamente pouco, eu não sei. Senti mais da parte sindical sim, nós nos beneficiamos.

MC - Porque, por exemplo, a indicação é para o SAMDU, ou para o SAPS, ou mesmo para presidente dos institutos passava muito por esse crivo, do PTB, não?

SV - Não passava pelo crivo do PTB não, passava pelo crivo do Ministro do Trabalho.

MC - É, o senhor a partir dos anos [19]50 o senhor tornou-se Ministro do Trabalho.

SV - [19]53.

MC - [19]50?

SV - [19]53.

MC - Como é que o senhor se torna Ministro do Trabalho?

SV - Porque eu estava almoçando no Ministério do Trabalho com o Oswaldo Carijó, e o Alvim telefonou para lá, José Joaquim de Sá Freire de Alvim, dizendo que o Presidente queria falar comigo. O Carijó me localizou, eu estava almoçando num restaurante, não me lembro qual foi, e o Alvim disse: “O Presidente quer falar com você”. Eu aí... “Ô Carijó, sei o que é. Eu sou favorável à concessão de aumento aos funcionários públicos, e o Presidente disse que não é possível agora, eu já sei que ele vai me recriminar”. Então, eu cheguei lá no palácio, e o Presidente me perguntou: “Você tem um trabalho que você fez, e que me entregou lá em São Borja sobre programa trabalhista, e programa do Ministério do Trabalho”. Eu disse: “Eu tenho, eu tenho uma cópia”, que eu tinha entregue isso ao Danton”.

MC - Danton Coelho?

SV - Danton Coelho. Lá o Presidente na ocasião disse: olha, isso é para o Danton. E até foi muito curioso, que eu saí com o Danton no jardim lá: “O Sr. Presidente mandou eu te entregar isso”. Ele era um estourado, disse dez palavrões. “Não foi isso que o doutor disse, eu ia ser o chefe do Gabinete dele, não sei o que isso para ele, era a Casa Civil”. “Ele mandou eu te entregar”. E Danton assumiu o Ministério do Trabalho. Mas o Danton era um homem desorganizado, boêmio, jogava muito. Ele ia para o Jôquei Clube, ficava lá jogando, essa coisa toda, e só ia à tarde ao Ministério. Certa vez o Presidente mandou telefonar para o Danton, pedindo que o Danton fosse lá. E ele: “Diga a ele que eu não vou”. Então, o Alvim disse: “Danton, Dr. Getúlio disse que é para você vir agora”. “Então, dê o meu recado a ele, diga a ele que eu não vou.” Muito bem. Então o Getúlio, disse: “Alvim, vê onde está o Segadas Vianna”. Eu estava no Ginástico Filho, me chamaram, eu cheguei no palácio, Presidente me perguntou se eu tinha aquele programa, eu disse: “Tenho”. Disse: “Você vai executar ele”. Eu ainda disse: Getúlio era um homem muito fechado, mas não admitia brincadeiras, mas eu disse: “Presidente, eu não posso. Eu sou padre de aldeia, aqui no Ministério do Trabalho é negócio para Bispo, é muito importante, além do mais, Presidente, eu confesso, eu estou fazendo a minha vida política, eu vou só daqui em diante vou ter que pensar só na sua política, vou ter que abandonar a minha” Ele parou e disse assim: “Tens alguma outra razão?” Eu disse: “Não.” “Tu és meu amigo?” “Presidente eu creio que o senhor já deve saber isso.” “Então, vai assumir o Ministério do Trabalho agora.” Chamou o Lourival Fontes: “Manda fazer o decreto nomeando o Segadas Ministro do Trabalho.” Lourival que era estrábico, os olhos ficaram mais ainda. E ele ainda disse: “Telefone para Alzirinha, que a Alzirinha não vai gostar, que a Alzirinha não é contra o Segadas.” Negócio que eu disse, que o Partido, e tal, mas eu fui, telefonei para o Danton, ele me disse: “Só vou passar o Ministério a você, porque é você, essa coisa toda. Se não, nem ia lá.” Foi lá, passou o Ministério para mim, eu assumi o Ministério, e procurei chamar aqueles velhos colaboradores, que eu senti bons no Ministério, era o Moacyr, era Carijó, era Tibiriçá, e assim tocamos o Ministério.

MC - Sim. O senhor vê a diferença assim: entre o primeiro governo Getúlio Vargas, e esse segundo só, como ministro?

SV - Vejo. Primeiro, quando foi o segundo governo de Getúlio, eu em princípio era contra. Eu me lembro que eu fui ter uma conversa com o Salgado Filho, morava na Rua Guilhermina Guinle, disse “Eu vim conversar com o senhor, que nós estamos pensando em levantar a sua candidatura à Presidência da República”. O Salgado disse: “Não façam isso.” O Getúlio, o retorno de Getúlio à Presidência da República é uma questão de honra, ele foi muito amargurado, e nós não poderíamos pensar em outra solução a não ser o Getúlio. Eu fui lá, conversei, fui várias [vezes] a São Borja; quando ele estava no exílio em São Borja, conversei com o Presidente, e eu senti realmente que o Presidente estava muito desgastado já psicologicamente, e fisicamente, aquela amargura que ele sofreu, a república do galeão, aquela coisa toda marcou-o profundamente. Mas o Getúlio assumiu o governo, problema dele, ele tinha aquela obsessão da restauração do prestígio político. Eu me lembro, certa vez, eu conversando com ele sobre determinado problema, ele perguntou: “O que o Chateaubriand pensa sobre isso?” Porque ele queria sentir o pensamento político. E o Dr. Getúlio já tinha umas certas falhas de memória, às vezes ele estava conversando com você, como ele era um sujeito fabuloso, inteligente, ele nunca disse que nunca perguntava: “O que você disse?” Ele disse: “Como você ia dizendo”. E então, a gente continuava, entendeu? De modo que eu acho, para o Getúlio se não fosse aquele problema ele deveria ter ficado no plano de mentor da política do Brasil, ele teria sido um Pinheiro Machado, com outra cultura, que não tinha o Pinheiro.

MC - É, e esse período, quer dizer, que o senhor está no Ministério do Trabalho, há certos momentos assim, importantes no movimento operário?

SV - Greve de São Paulo, por exemplo, greve dos trezentos mil.

MC - Como é que o senhor, como Ministro do Trabalho...

SV - Não, eu...

MC - Se relacionou com essa greve?

SV - Eu sempre fui contra a chamada greve selvagem, a greve deflagrada, sem uma tentativa de conversa. Eu vinha do Paraná, e quando o avião pousou em São Paulo, naquele tempo ministro não tinha avião especial, não, era avião de carreira mesmo. Quando o avião pousou, parou em São Paulo, havia um grupo de líderes, queriam conversar, me disseram para descer do avião para conversar. Então, eu disse que não. Eu os receberia no Ministério do Trabalho como dirigentes sindicais, especialmente depois de cessada a greve. E eles compreenderam que ali eu estava defendendo ali uma coisa que eu defendo sempre, é o princípio da autoridade. Eu era um representante do Presidente da República, eu era um ministro. E eles foram no Ministério do Trabalho, e se fez o acordo, acabou a greve.

MC - Sim. E o senhor, não houve repressão assim...

SV - Não. No meu tempo nunca houve repressão à greve, repressão violenta. Eu não admito repressão violenta.

MC - Dr. Segadas nesse período que há a greve dos 300.000, e pouco depois essa greve foi em [19]53?

SV - É.

MC - Houve um congresso de trabalhadores, de trabalhadores da Previdência Social, em que o senhor não era mais ministro.

SV - Não era.

MC - João Goulart. O senhor se lembra, mas isso foi logo depois, isso vai ser logo depois que o senhor saiu do Ministério.

SV - Do Ministério.

MC - O senhor se lembra da atuação do Ministério para esse congresso? Congresso de trabalhadores para discutir condições da Previdência Social.

SV - O Jango era um sujeito profundamente humano, mas era na verdade despreparado. Ele foi um aprendiz de bem-feiticeiro, que ficou nas primeiras lições. Quando eu sai do Ministério do Trabalho, eu deixei o Ministério do Trabalho pelo seguinte: ia haver a greve dos marítimos, era uma greve selvagem, ia ser deflagrada sem nenhum aviso e tal. E então, eu conversei com o Dr. Getúlio, era Ministro da Marinha o Renato Guilhobel. E o Presidente como vi, eu disse: Olha, Presidente, parece-me que em 1942, no tempo da guerra, foi baixado um decreto convocando os trabalhadores da Marinha Mercante, que eram reservas da Marinha de Guerra. Você vai ao Ministério da Marinha conversar com o Guilhobel. Eu fui conversar com o Guilhobel, ele chamou o chefe do gabinete e disse: “Há uma lei nesse sentido de [19]42, vê o que se pode fazer”. Então, foi feito um projeto de convocação. No dia seguinte, de manhã cedo, eu fui levar isso ao Palácio. O Presidente tinha sofrido um acidente, estava com o braço engessado, não sei o que, tal. Cheguei, disse: “Olha, Lourival eu trouxe o projeto”. Aí o Lourival foi lá em cima, voltou meia hora depois, disse: “O Presidente disse que conversou com o Jango, e o Jango considera isso impopular. Qual é a solução?” Disse: “Nomear o Jango Ministro do Trabalho. Porque se eu fiz declarações pela rádio, já autorizado pelo Presidente, dizendo que o Presidente ia convocar, se eu fico, eu sou um ministro desmoralizado, e um ministro desmoralizado desserve o Presidente”. Lourival foi lá em cima, voltou. Disse: “O Presidente mandou pedir a você, se você pode esperar três dias”. Eu digo: “Não, porque a greve arrebenta hoje à meia-noite”. Então, ele tornou e disse: “O Presidente vai nomear o Jango, o Jango vai te procurar”. O Jango me procurou no meu apartamento, tivemos um papo muito grande. Ele realmente era ingênuo, eu ainda o chamei de ingênuo. “Muito cuidado com os elementos com quem você se cercar, porque você não tem experiência dessas coisas, cuidado com eles vão te envolver”. Eu disse: “Lembre-se”. “Olha”, ele disse: “Não, acontece o seguinte. Eu vou envolver os comunistas, e vou dissolver o partido”. Eu fui na minha estante, apanhei o livro que era Carta, Cartas de MacDonald. E então, eram cartas escritas de um partido comunista, consultando se eles apoiariam MacDonald ou Anderson.

MC - Cartas a Lenin.

SV - Cartas a Lenin, exatamente. E a resposta foi essa: “Apoiem Anderson, porque onde nós entrarmos nós dividimos”. O Jango riu, disse: “Não, isso foi naquele tempo, não sei o que, e tal. Eu agora vou envolvê-los, vou dividi-los...” disse. Coitado, acabou envolvido.

MC - Quer dizer, isso aí quer dizer, os motivos que levaram o senhor a sair do Ministério.

SV - Antes disso, certa vez o Presidente conversou comigo, ele me disse: “Está chegando uma hora de mudar uns certos ministros, e ele visava sobretudo Simões Filho, que era ministro, Simões Filho, Ministro da Educação. Aí eu conversei com o Lourival: “Que nós vamos fazer um pedido de demissão coletiva, para dar liberdade para o Presidente para escolha”. Então, ele “Mas o Simões Filho, eu já telefonei para ele para Paris, ele disse que não pede demissão”, então o Getúlio demitiu.

MC - Quer dizer, o senhor se lembra dessa mobilização dos trabalhadores para esse Congresso da Previdência Social.

SV - Não.

MC - Ou o senhor se lembra do senhor como ministro ter participado de reuniões, congressos sobre a Previdência Social.

SV - Não.

MC - Sobre Previdência Social.

SV - Não. Porque quando eu me afastei do Ministério, eu fui cuidar mais ainda, cuidar mais da minha parte de político, de deputado, e sobretudo reorganizar a minha vida profissional. Porque no dia em que eu assumi o Ministério a primeira coisa que eu fiz, eu recebi um jornal, não me lembro qual era, a Luta, ou coisa assim. Ministro do Trabalho advogado da Esso. A Esso tinha me convidado para advogado, eu mandei uma carta devolvendo a procuração, não aceitando. Então, eles publicaram isso, eu desmenti, mas eu tinha fechado os meus escritórios de advocacia. Trabalhava com Virgílio Pires de Sá, Roque Vicente Ferrari. Eu dei o escritório de presente a eles. Eu como Ministro não aceito nada. Mas depois de dois anos, três anos e pouco, eu tive que refazer toda a minha profissional. Porque como ministro ganhava pouco, como deputado ganhava pouco, nós não tínhamos as mordomias que hoje em dia os parlamentares têm e os ministros têm. Quando eu era Ministro do Trabalho certa vez estava aqui o Ministro do Trabalho do Canadá. Então, ele me ofereceu um jantar na embaixada, que era lá em Santa Teresa. Quando eu voltei, disse: “Ih! Agora vou ter que retribuir com um jantar”. Chamei o Carijó: “Que verba? Nós não temos verba de representação, como é que o senhor vai fazer?” Então, eu telefonei para o Evaldo Lott, disse: “Não, pode fazer o convite, que eu mando pagar o jantar”. Que eu não tinha verba. Quando fui à Conferência Internacional do Trabalho, que eu presidi, que eu era Ministro do Trabalho do Brasil foi a mesma coisa. O presidente da conferência ofereceu uma recepção. Nós não tínhamos dinheiro nenhum para recepção. Então, foram os capitalistas que pagaram a recepção. O Ministério era muito pobre, eu tinha um carro no Ministério.

MC - O senhor se lembra como Ministro do Trabalho, dr. Segadas, de alguma situação, de algum acidente, alguma dificuldade ligada aos institutos de aposentadorias?

SV - Só tive uma, foi se eu não me engano, era IAPTEC.

MC - IAPTEC.

SV - Hein? Era o IAPTEC. O presidente do IAPTEC era um... eu não me lembro o nome dele, era um mulato, não me lembro.

MC - Era um?

SV - Era um homem de cor.

MC - Stanislau?

SV - Não, não. O Stanislau era um grande estudioso de previdência social. Eu não me lembro o nome dele agora. Eu sei que o Presidente um dia me disse: “Olha, houve uma denúncia... Cecílio”.

MC - Cecílio?

SV - Era Cecílio. Cecílio não sei de quê? Que o IAPTEC está fazendo compras alucinantes. Então, eu mandei um inspetor de Previdência Social lá, e ele me disse: “Olha, doutor, o que eles compraram de papel higiênico enche o prédio todo do IAPTEC, e não sobra lugar para entrar ninguém”. Então eu fui falar, contei ao Presidente. O Presidente disse: Faça uma intervenção no IAPTEC. Não, demita o Presidente do IAPTEC. Presidente eu não posso demitir, foi nomeado pelo senhor. Ele disse: “Então faça uma intervenção”. Então eu ilegalmente, que também não podia intervir, fiz a intervenção no IAPTEC nomeando um inspetor de Previdência como interventor, Lutero ficou muito zangado comigo, que o Cecílio Marques, parece, o Cecílio era um motorista que tinha sido indicado pelo Lutero, e era um pobre diabo também, que uma vez ele chegou do Rio Grande do Sul, disse: “Minha recepção foi uma apoteose, até tinha um avião jogando flores”. Era pago pelo próprio Instituto.

MC - Ah! Ele era motorista, esse Cecílio?

SV - É.

MC - É. Esse teve um motorista...

SV - É, o Cecílio era motorista. Era um pobre diabo, coitado.

MC - Essa situação da escolha dos presidentes dos institutos pelo Ministro do Trabalho, o senhor acha que era uma atitude válida?

SV - Não, não eram escolhidos pelos Ministros do Trabalho, eram escolhidos pelo Presidente.

MC - Pelo Presidente da República?

SV - É, o Presidente da República.

MC - E o senhor achava que era a melhor forma de sugerir a...

SV - Não. Eu para o lugar ali eu sempre entendi que o melhor que os institutos tendo um colegiado de representantes do governo, de empregados, de empregadores, esse colegiado indicasse nomes ao presidente. Evitar a influência pessoal, e sobretudo influência política. Os presidentes dos institutos eram nomeados com injunção de atender interesses políticos.

MC - Sim. O que se coloca em geral é que a influência política existente era sempre do PTB.

SV - Hein? Era o PTB, porque o Ministro do Trabalho, inclusive os que me sucederam, não queriam indicar um sujeito que fosse da UDN, ou disso, daquilo. Eles tinham que procurar elementos filiados ao PTB, ou que se filiavam ao PTB para serem presidentes de instituto. Em nenhum instituto – a confidência que eu posso fazer é dizer que hoje se tem mais – quando se fundou o PTB nós não tínhamos dinheiro nenhum, nós funcionávamos numa mesinha, no sindicato dos salões de barbeiro na Praça Tiradentes. Era o Otacílio Barbalho, que deu o lugar para botar essa mesinha. Naquela ocasião para fazer os impressos nós nos cotizávamos, até que um dia o presidente dos Comerciantes, me falta o nome dele, falou com o Dr. Getúlio: “Dr. Getúlio, dinheiro eu não dou, mas vai no Instituto do Café”. Ele foi lá, deram 1.000 ou 2.000 sacas de café, foram vendidas para poder financiar o PTB.

MC - Para financiar o PTB, é?

SV - É. Não tinha dinheiro para nada mesmo.

MC - A vida parlamentar do senhor vai até quando? Foi...

SV - Até os [19]50, porque quando foi [19]50 terminava o meu mandato. Então, naquela ocasião eu ia ser candidato a senador até pelo Rio e por Pernambuco. Mas aqui no Rio surgiu a candidatura do Caiado de Castro, que tinha sido chefe da Casa Militar do Presidente da República. E naquela ocasião eu tive divergências com o Jango, porque o Jango era muito também personalista. Eu quero fazer isso, eu quero fazer aquilo, essa coisa toda e tal. Então, eu mandei uma carta ao PTB declarando que não seria candidato, e nunca mais fui candidato por partido nenhum. Recusei convite da UDN, disse não. A minha vida política foi feita toda à sombra do Getúlio, em função do Getúlio.

MC - Parece que o senhor se candidatou mais tarde, não?

SV - Hein?

MC - O senhor se candidatou mais tarde, não foi?

SV - Nunca fui candidato.

MC - Ia ser suplente?

SV - Hein... não, não, na eleição de [19]50 eu fui primeiro suplente.

MC - Ah! Foi em [19]50.

SV - É.



MC - Ah! sei.

SV - O candidato, quem foi eleito foi Jorge Galvão, diretor do radical. Eu até não quis impugnar a eleição porque eu tinha vindo realmente, eu tinha sido furtado em alguns votos na apuração, mas eu já estava um pouco desanimado, e descrente da vida política.

MC - Dr. Segadas Vianna como é que se dá o contato do senhor com a OIT<sup>3\*</sup>? O senhor participou diversas...

SV - Congressos da OIT. Pelo seguinte: quando havia as reuniões da OIT, as conferências da OIT, iam sempre representantes do governo, dos empregados e dos empregadores. Naquela ocasião em duas conferências eu fui indicado como integrante da delegação de trabalhadores como consultor.

MC - O senhor foi empregado pela representação dos trabalhadores?

SV - É, Confederação...

MC - Por que razão?

SV - Porque eles confiavam em mim. Sabiam que eu defendia realmente os interesses dos trabalhadores. E depois eu fui presidente da confederação. Com função de ser ministro do trabalho. Eram duas candidaturas, a do Brasil e a da Argentina, e foi eleito o Brasil. E naquela ocasião, pela minha vivência com a OIT e sobretudo com o relacionamento que eu fiz com o David Moris, que era o presidente da OIT, eu participei de várias conferências internacionais.

MC - É, mas nas conferências da OIT...

## **Fita 2 - Lado B**

MC - As questões sobre Previdência Social eram...

SV - Muito pouco discutidas, normalmente. Eram mais problemas trabalhistas. O que acontece é o seguinte: nas reuniões das comissões técnicas havia sempre um discurso de um delegado de trabalhador, de um delegado de empregadores, discursos adrede preparados por um dos técnicos do Ministério, muitas vezes feito pelo próprio Sussekind, essa coisa toda, e tal. E eles iam lá mais passear, a verdade é essa, iam passear. Nunca as delegações levaram técnicos realmente para discutir problemas.

MC - Em termos de associação assim, ligada ao trabalho, o senhor só foi da OIT?

SV - Só da OIT.

---

<sup>3\*</sup> Organização Internacional do Trabalho

MC - Só. Dr. Segadas Vianna, o senhor nesse período assim dos anos [19]45 para [19]50, foi que o senhor teve maior atuação dentro do PTB. O senhor via assim, diferenças regionais do PTB ou era uma coisa assim, única?

SV - Naquela ocasião o PTB realmente tinha alguns grupos. Era o pessoal do Rio de Janeiro, o pessoal de São Paulo, alguns elementos do Rio Grande do Sul, e de Pernambuco. Mas quando foi da criação do PTB eu tive grandes problemas, por exemplo, quando eu fui falar com o Ernani lá no Ingá...

MC - Ernani Amaral Peixoto?

SV - É. O Ernani disse: “Não, aqui no estado do Rio é bobagem, aqui o prestígio é todo meu, não é do dr. Getúlio, não adianta fazer e tal”. Mas eu fui fazendo. O Gilberto Crocete de Sá metendo a cara, fomos fazendo. Quando fui falar com o Agamenon, a resposta do Agamenon foi essa: “Se mandar alguém em Pernambuco, eu mando descer o pau”. De modo que nós tínhamos a resistência de todas as autoridades para fazer o PTB. Mas conseguimos alguns elementos do Rio Grande, de Pernambuco, da Bahia, de Minas: Darcy Pereira Lima, não sei o quê, e foi feito. Sendo que em Minas nós atraímos à última hora, porque o grupo de Minas ia apoiar o PC, quando nos veio aqui o Darcy Pereira Lima, foi me procurar no Ministério do Trabalho, eu conversei com ele: “Escuta aqui uma coisa. Vocês pedem tudo ao Getúlio, nesta hora vão, em vez de apoiar o PTB vão apoiar o Partido Comunista? Por que vocês não assinam o manifesto do PTB?” – “Eu assino.” Então, foi assim e pronto, e foi assinado.

MC - Já que o senhor mencionou as lideranças sindicais na época que o senhor era ministro quais eram assim, as principais lideranças sindicais que o senhor?

SV - Eram elementos com que eu mantinha contato, eram elementos que freqüentavam o Ministério do Trabalho quando eu era ministro, e mesmo quando eu era diretor do DNT. E com os quais eu discutia problemas, porque por exemplo, você vê: nunca nós não trouxemos como liderança do PTB o França Bico Doce. Tanto que ele acabou fundando outro partido, ele fez um partido, o Partido Trabalhista Nacional, e o Partido Trabalhista Nacional, que foi reconhecido e não o PTB. Mas naquela ocasião eu tinha escritório na Presidente Vargas, em frente a Antônio Carlos, eu tinha no sexto, no oitavo andar, e no sexto andar tinha escritório o Oswaldo Aranha, e eu conversava muito com o Oswaldo, me dava com ele, e tal. Então, eu fui lá e disse: “Olha, Dr. Oswaldo há uma impugnação ao registro do PTB, eu estou com muito medo que com isso não tenhamos o registro. Se não registraram o PTB vai acontecer o seguinte, essa massa trabalhadora toda vai... Partido Comunista, não vai para o PTB. Ele disse: “Amanhã eu te telefono”. Eu digo: “O julgamento é amanhã à uma hora, hein?” Quando era meio dia e pouco me telefonou o Ciro Aranha: “Olha, o partido, já está registrado”. “Não pode ter sido registrado, é a uma hora da tarde, é que se reúne o Tribunal?” Ele disse: “Não, mas o relator já mudou o voto, e o PTB vai ser registrado”. De modo que foi por isso que o PTB foi registrado, senão não teria nem sido registrado.

MC - Quer dizer, e as categorias quer dizer, o senhor se lembra que se as lideranças sindicais, na época que o senhor era ministro?

SV - Bancários.

MC - Bancários.

SV - Nos bancários tinha um líder aqui muito bom, não me lembro o nome dele, Olímpio!

MC - Olímpio de Mello.

SV - De Mello, muito bom, entendeu? E era acusado é comunista. Eu digo: mas é um comunista decentíssimo, homem de coragem, digno, essa coisa. Tinha, haviam alguns de São Paulo, mas poucos. O Antônio Francisco Carvalhal, que era do Sindicato da Indústria do Trigo, e o resto... Tinha o Benício Fontenelle, pescar aqueles mais esclarecidos, e também mais ligados ao Ministério do Trabalho.

MC - E as categorias mais mobilizadas eram, por exemplo?

SV - Marítimos foram muito, a indústria da construção civil, a própria, trabalhadores da Light, havia um líder, era meio líder, mas impunha, que era sem dúvida Azevedo Pequeno, de pequeno só tinha o nome, porque ele tinha dois metros de altura. Então, essas eram as categorias que nós mobilizamos mais.

MC - Sim. E essas categorias, quer dizer, em termos dos institutos na época que o senhor era Ministro do Trabalho, quais os institutos mais fortes e os Institutos assim que?

SV - Industriários, Comercários e Bancários.

MC - Eram os grupos mais fortes?

SV - É. O melhor era o dos Bancários.

MC - Melhor administrado?

SV - É.

MC - Comercários, bancários e...

SV - Era o melhor de todos era o Bancários, que dava melhor assistência, que atendia melhor os benefícios era o dos Bancários. O dos Industriários era muito bem organizado, o dos Comercários sofria muita influência política.

MC - Comercários?

SV - É.

MC - E o senhor, o Instituto dos Industriários era muito bem organizado. Já naquela época já existia essa idéia assim, essa elite dos industriários, era uma coisa já presente?

SV - Já, porque o próprio João Carlos Vital, entendeu? E aquele grupo que foi para os Industriários era grupo que conhecia o problema. Já nos Comercários foi muita influência política para escolha de dirigentes.

MC - E o IAPM, e o dos Marítimos?

SV - Muito fraco. Também era influência política, e não havia lideranças boas. Transportes de Carga da mesma maneira. Era, a elite era o mesmo, era Industriários, Bancários e Comerciais.

NM - Eu gostaria de voltar um pouco atrás, exatamente na comissão que criou a Consolidação das Leis do Trabalho. Eu gostaria que o senhor nos colocasse mais, qual foi o clima em torno dessa comissão. Embora houvesse censura, a imprensa, ela deve ter sido cercada de algumas expectativas, de alguns comentários?

SV - Por parte da imprensa muito pouco. Mas o fato é o seguinte. Quando foi criada a comissão, foi criada uma comissão muito grande e muito heterogênea, no dia da reunião da comissão o Marcondes, que falava muito bem, fez uma explanação e começou pedindo a opinião de todo mundo. E o que o Ministro falou, *Magistra dicti*, estava todo mundo de acordo. Eu é que sentava do lado direito. Ele perguntou: “E você, Segadas?” “O senhor vai me dar licença, mas eu divirjo frontalmente do que o senhor disse.” “Por quê?” Eu expus meu ponto de vista: “Comissão não podia ser, aquilo não era comissão, era um comício, não sei o que, e tal.” Quando acabei ele disse: “Eu adoto o pensamento do Segadas Vianna, de modo que peço que a comissão vote comigo”. Então, a comissão se reduziu, ficou: Arnaldo Sussekind, Oswaldo Lacerda, Oscar Saraiva e eu, Rego Monteiro.

NM - Qual era a rotina de trabalho dessa comissão?

SV - A comissão se reunia diariamente, examinando toda a legislação, a legislação anterior, estudando o que era feito em outros países, e procurando dentro das possibilidades do regime de força, sobretudo do regime com tendências corporativas a atender ao que se poderia fazer, que era pouco, mas que se fez, a consolidação dela está com [19]32, [19]43, está com 44 anos, [19]43, está com 43 anos. A verdade é a Consolidação, ainda como o trabalhador pode não conhecer constituição, não conhecer uma CLT, ele fala na CLT. E se a CLT tem defeitos hoje em dia foram defeitos dos atos praticados pelos governos posteriores, com leis e decretos-leis desvirtuaram muito a Consolidação.

NM - Essa comissão era procurada por políticos, por lideranças sindicais...

SV - Por lideranças sindicais algumas, por políticos não. Nós nos enfeixávamos no trabalho. Mesmo a política era feita com o ministro, nós éramos fichinha.

MC - Bem, Dr. Segadas Vianna, eu acho que em torno das perguntas que a gente fez aqui, gostaria de saber se o senhor tem alguma coisa a acrescentar no sentido da...

SV - Eu costumo fazer umas palestras, que em geral, chamam de aula, no curso de jornalismo, em que eu falo de jornalismo, o repórter é a alma do jornal, e tal. Até a reabertura eu começava as minhas aulas dizendo: que as minhas aulas são muito curtas, eu tenho horror a aula grande, minhas aulas são curtas, por que eu gosto de ter um tempo para debate, dava uma aula no máximo de 40 minutos, depois eu queria tempo livre para debate, uma hora, duas horas. Mas como eu ia dizendo perguntem o que quiser, eu responderei o que souber, e o que puder. Porque naquele tempo, houve uma ocasião, por exemplo, que eu tinha... “Olha, tem três elementos do SNI aí dentro”. Eu começava: Eu convido os elementos do SNI, que estão presentes a virem ocupar a primeira fila, ou a se retirarem. Eles eram tão imbecis que se

retiraram. Mas depois que veio mais ou menos a abertura, eu posso dizer: Perguntem o que quiser, eu responderei o que souber. Quando eu não sei eu sou muito honesto, digo: Essa matéria vocês façam a pergunta por escrito, e eu respondo. E respondo mesmo. Qualquer, a associação de alunos, sobretudo de Direito, que me convide para fazer uma palestra, eu vou, com duas condições: se for do Rio de Janeiro me dão passagem e estadia, não aceito um centavo, se houver cheque de faculdade, ou isso, é para caixa dos alunos. Porque eu vivo mais ou menos da minha profissão. Você que conhece bem, não tenho fortuna, vivo da minha profissão. Graças a Deus! Com os meus 80 anos trabalho dez horas por dia.

MC - Nós queremos agradecer ao senhor.

SV - Hein?

MC - Nós queremos agradecer ao senhor.

SV - Não tem nada que agradecer, eu é que agradeço... Por que eu gosto de fazer palestras nas faculdades? Por causa das perguntas que eles fazem, me obrigam a estudar, e estar acompanhando a vida, eu me levanto de manhã cedo, sete horas em geral, eu durmo relativamente pouco, deito em geral meia-noite, quando eu deito mais cedo, eu acordo de noite, se eu estou dando um parecer, ou escrevendo um livro, como agora... eu estou escrevendo dois agora, e vou vir para cá trabalhar. A Diva uma vez foi: “Que você está fazendo?” “Estou estudando”. Não é possível, na sua idade... Agora é que vejo que não sei nada. Quanto mais estudo, mais eu vejo que não sei. Mas então, o convívio com os moços me obriga a estudar. E quando eles fazem perguntas que eu não sei, me obriga a estudar mais. Eu acho imprescindível isso. Porque eu digo: Por que você não pára de trabalhar? Primeiro porque não posso, eu não vou viver depois de 37 anos e meio de serviço público com uma aposentadoria de 11 mil cruzados, agora! Que quando eu me aposentei a minha aposentadoria era exatamente o que ganhava um Cabo de polícia. Quando eu briguei sete anos, no fim de sete anos eu consegui um reajuste de aposentadoria, tendo que desistir dos atrasados. Mas a minha aposentadoria real seria de diretor da secretaria do supremo, seriam 28, agora 30 e tantos mil cruzados, mas para isso eu tenho que discutir pelo menos mais sete anos com o Estado que não paga advogado, que tem 40 e tantos procuradores, que não paga custas, que tem os prazos em quádruplo. Eu, para fazer isso, vou ter que contratar advogado em Brasília, e não sei o quê... Para os meus netos receberem? Eles que se virem como eu me virei, comecei como operário.

NM - Para encerrar, no momento nós estamos vendo diversas comissões no âmbito da Previdência Social, e em alguns outros Ministérios, trabalhando com reformulações de legislações existentes. Nós estamos prestes a começar uma nova Constituinte, uma nova Assembléia Constituinte. Qual a expectativa que o senhor tem dessa nova Assembléia Constituinte, no que diz respeito à questão do trabalho?

SV - Medo. Tenho medo porque essa Constituinte que vem aí, você tem alguns, você conta pelos dedos, talvez não chegue para isso, os bons elementos. Essa Constituinte vem com uma forte influência do capitalismo, está seu Delfim eleito, essa coisa toda, e tal. A massa de dinheiro que as multinacionais, as grandes empresas jogaram é uma coisa alucinante. Eu conversei com um deputado, muito bom aliás, honesto e meu amigo. Eu perguntei: “Quanto você gastou?” Ele disse: “Dez milhões de cruzados.” O outro: “Mas fulano gastou cinco milhões de dólares”. Já raciocinam em dólares. Então, o meu temor é este, que essa

Constituinte venha com forte influência capitalista, e venha sem uma base exigente de luta preparada. E pode dizer isso, que quando a gente tem 80 anos pode dizer tudo. Eu não tenho mais medo de prisão aos 80 anos. O que eu tenho medo, sabe o que é? É de um meio retrocesso, o que eu temo é que com esses planos cruzados todos, crucificado, esse cruz-credo, nós vamos chegar a uma situação dramática. Então, eu tinha um irmão que foi Ministro da Guerra, era um sujeito muito equilibrado. E uma vez conversando com ele: “José, o problema é o major, o perigo é o Major Emo”. Eu disse: O que é Major Emo? – É que numa hora dessas um major qualquer maluco saia pela rua, levante parte das Forças Armadas, e o povo todo se levante também. Esse é o meu medo. Eu acredito ainda, entendeu? No idealismo das Forças Armadas, mas as Forças Armadas é uma casta, ama seus privilégios, e tem medo de perdê-los. E nas partes dos partidos políticos. Eu não vejo, você pega a governança do Rio de Janeiro, por exemplo, você tem desde o Partido Democrata Cristão, ao partido do PCB... Então, não chega a haver uma amálgama, é uma mistura. Aqui não, são grupos que se juntaram por interesses ocasionais. Então, eu tenho muito medo disso. Peça a Deus que nós tenhamos uma boa Constituição. O Sussekind até fez um livro, muito bom agora, eu não sei se você viu, sobre a Constituinte.

MC - Não.

SV - Ele tem um livro, eu vou te dar, vou te emprestar. *Direitos Sociais na Constituinte*.

MC - Tinha uma última pergunta também é a seguinte. Como é que o senhor se define ideologicamente?

SV - Socialista.

MC - Nesse aspecto partidário...

SV - Eu sou socialista, entendeu?

MC - Mas, próximo a que partido hoje em dia?

SV - Desses partidos existentes? Se não fosse o temperamento do Brizola, eu seria mais... porque eu sou membro do Diretório Nacional do PDT.

MC - O senhor é membro?

SV - Eu fui eleito. Um dia tive a notícia que estava eleito membro do Diretório Nacional. Então, eu mandei uma carta com AR<sup>4</sup>, para não dizer que eu não tinha..., para o Brizola. Não posso fazer parte do Diretório Nacional porque tem o Juruna, que tem o Agnaldo Timóteo, então essa gente não é confiável para mim. No dia seguinte que apareceu o Brizola na minha casa. Pelo amor de Deus não publica essa carta. Você é o homem que inventou o PTB autêntico, essa coisa toda. Eu não vou publicar, apenas eu quero resguardar a minha responsabilidade. Depois disso eu compareci a várias reuniões do PDT, lá, o Diretório Nacional do PDT. Mas sinto que falta dentro do PDT lideranças, porque o próprio Brizola, que eu considero um homem patriota, tudo isso. O temperamento dele é sobretudo de caudilho, é um homem, sou eu que faço, sou eu que mando. Ele não admite a influência, a interferência

---

<sup>4</sup> Aviso de Recebimento.

de outros. E por isso o PTB, o PDT se enfraqueceu, e foi derrotado, sobretudo no Rio de Janeiro. E tinha tudo para ser um grande partido. Agora, não vejo nenhum grande partido ainda aí. Não vai ser PDS, e nada disso não. Quando quiserem qualquer coisa, qualquer detalhe mais. O Gilberto Amado, ele gostava de falar para a gente ouvir. Quando eu ia a Genebra, ele me pegava para passear em volta do lago Lemman, falando, eu só dizia: “Muito bem, embaixador.” Aquele que dissesse muito bem para... que estava prestando atenção. Um outro com senso extraordinário, era o João Alberto.

MC - João Alberto.

SV - João Alberto, fabuloso. Sobre todos, fabuloso. Era um homem que foi acusado de ladrão, e morreu paupérrimo. Era decente 100%. Eu fui muito amigo do João Alberto, muito amigo dele. Outro grande palestrador era o Marcondes Filho, Marcondes era brilhante também, e mais uma meia dúzia. Então, eu gosto de ouvir, e gosto de ouvir e hoje em dia como já não é mais, não tem mais ordem política social, eu perdi o medo, entendeu? Então, eu digo o que penso, honestamente o que penso. E tenho essa vaidade, nunca tive receio de voltar atrás. Eu sou um homem, eu digo sempre primeiro, me humilho, mas não me humilhem. Eu sou homem pronto a me humilhar, quando eu sinto que estou errado, realmente errei, entendeu? A minha vida é essa de rotina: eu saio de casa às sete, nove horas. Eu devo ter tido alguns pecados na vida, senão muitos. Então, para pagar os meus pecados eu trabalho de dez até uma hora da tarde, não é de graça que é para pagar os pecados. Eu trabalho na Santa Casa, na parte Jurídica da Santa Casa, é um tipo mordomo, mordomo é o carro que me leva e me traz, não tem direito a mais nada. Depois dali eu vou, eu dou consultoria para empresas. Então, vou cuidar disso e fazer o meu ofício que é escrever livros, estou com 28 livros publicados. Então, tenho esse vício, gosto, gosto de escrever. Quando vocês quiserem conversar, venham conversar.

MC - Muito obrigado, Dr. Segadas Vianna.

SV - Não tem que agradecer.

MC - Foi um prazer.